

Um estudo sociolinguístico da linguagem de adolescentes de um Centro Socioeducativo

*A sociolinguistic study of the language of
adolescents from a socio-educational center*

Rodrigo Mazer Etto e Valeska Gracioso Carlos*

Resumo: O objetivo desse trabalho é identificar os sentidos de alguns termos e expressões presentes na linguagem de adolescentes privados de liberdade de um Centro Socioeducativo, e constatar a possível dicionarização desses itens lexicais no dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2011). A metodologia de geração e coleta de dados foi realizada sob uma perspectiva qualitativa através da aplicação de um questionário semântico-lexical e de entrevistas narrativas, as quais seguiram orientações de Labov (2008) e Tarallo (2003). Do total de 260 itens coletados, constatou-se que 40 se encontram no referido dicionário com o mesmo sentido atribuído pelos entrevistados; 64 itens se encontram dicionarizados, embora com um sentido diferente do atribuído pelos informantes e 156 itens não se encontram dicionarizados.

Palavras-chave: Sociolinguística. Método qualitativo. Variação linguística. adolescentes privados de liberdade.

Abstract: *The objective of this work is to identify the meanings of some terms and expressions present in the language of adolescents deprived of freedom of a Socioeducational Center, and to verify the possible dictionalization of these lexical items in the Houaiss dictionary (HOUAISS; VILLAR, 2011). The methodology of data generation and data collection was carried out under a*

* Universidade Estadual de Ponta Grossa.

qualitative perspective through the application of semantic-lexical quiz and the narrative interviews, which followed guidelines of Labov (2008) and Tarallo (2003). From the total of 260 items collected, it was verified that 40 are in the dictionary with the same meaning attributed by the interviewees; 64 items are worded, although with a different meaning from the one given by the informants and 156 items are not dictionary-based.

Keywords: Sociolinguística. Qualitative method. Linguistic variation. Adolescents deprived of their liberty.

Introdução

Hoje em dia, a relação entre língua e sociedade é aceita por muitos pesquisadores que se dedicam ao estudo da língua e, apesar de algumas teorias da linguagem apresentarem interpretações diversas dos fenômenos linguísticos, aproximando-os ou distanciando-os do seu papel na vida social, os estudos sociolinguísticos comprovam ser inegável a relação entre língua e grupos sociais, sendo, portanto, imprescindível o entendimento desse vínculo quando se discute o fenômeno linguístico.

A Língua oficial falada no Brasil dispõe de muitas variedades para os indivíduos e grupos sociais se comunicarem, sendo uma delas a linguagem praticada pelos internos de um Centro Socioeducativo - CENSE - que faz com que o processo comunicativo desses adolescentes se realize de maneira eficaz. Essa variedade linguística peculiar, também conhecida como gíria de grupo (PRETI, 1984), possibilita a interação comunicacional entre seus integrantes e se caracteriza pela presença de palavras com sentidos diversos do original.

A Sociolinguística permite estudar esse fenômeno de variação na linguagem, pois considera que toda língua falada apresenta variações decorrentes da heterogeneidade presente nos fenômenos linguísticos, as quais são identificadas e analisadas por meio de pesquisas de campo, em que o pesquisador registra, descreve e analisa diferentes falares, relacionando as variações com fatores socioculturais relacionados ao falante e ao grupo social em que este se encontra inserido.

Tendo como objetivo principal a identificação e análise do significado de itens lexicais coletados junto a adolescentes em regime de privação de liberdade, e a possível dicionarização desses itens, este trabalho se divide em três partes.

A primeira apresentará um breve resumo do percurso realizado pelos estudos linguísticos até se chegar à Sociolinguística atual; a segunda parte abordará o método de geração e coleta de dados e a terceira parte trará a discussão e análise dos dados obtidos.

A Sociolinguística

Visando realizar uma síntese do surgimento dessa área de estudos linguísticos, este tópico apresentará o posicionamento de alguns linguistas sobre a relação entre língua e aspectos sociais.

Em 1916, o criador da linguística Moderna - Saussure - defendia a existência de uma estrutura linguística imutável e fixa. Sua teoria separava a língua da fala, sendo a primeira seu foco de estudo, visto que, segundo sua ótica, “a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2006, p. 271).

Contrário à ideia saussuriana, em 1929, Bakhtin (1990) elaborou uma teoria na qual defendia o caráter social da língua. Para ele, tal caráter se realizava através de atos enunciativos, efetuados em determinada circunstância de interação verbal.

Em 1960, Jakobson (1973) defendeu a premissa de que os indivíduos falantes de uma língua escolhem determinadas variedades linguísticas de acordo com alguns fatores como: as inúmeras situações comunicativas, as comunidades de falantes às quais pertencem e as funções e objetivos da situação de interação comunicacional em que se encontram.

Por outro lado, em 1965, Chomsky (1965, 1997), representante do formalismo da escola gerativista, e criador da Gramática Gerativa, defendia a ideia da existência de um ‘falante ideal’, inserido em uma comunidade linguisticamente homogênea, cuja competência linguística - a capacidade de compreender e delimitar as regras combinatórias e articulatórias de sua língua - seria o verdadeiro objeto de estudo da Linguística, e a heterogeneidade da

língua não seria considerada. Para ele, a língua é um conjunto infinito de frases, que se define não apenas pelas já existentes, mas também pelas frases possíveis, aquelas passíveis de criação através da interiorização das regras da língua, o que tornaria os falantes aptos a produzirem frases mesmo que nunca tenham sido ouvidas por ele.

Em 1968, em sua obra 'Estrutura da Língua e Estrutura da Sociedade', Benveniste (1989) apontava a língua como um instrumento de análise do meio social no qual se encontrava o falante, dado que, para ele, a língua possibilitava o estudo, a descrição e a compreensão da sociedade.

Em 1964, um ano antes da proposta de Chomsky (1965, 1997) e quatro anos antes da teoria de Benveniste (1989), no evento intitulado *Sociolinguistics*, realizado na Universidade da Califórnia (UCLA), Labov, Weinreich e Herzog (2006) escreveram um texto intitulado 'Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística'. Nesse artigo defendiam a heterogeneidade linguística e questionavam o fato de que se uma língua precisa ser estruturada e havia uma heterogeneidade, como essa heterogeneidade se organizava numa estrutura?

Assim, juntamente com outros linguistas presentes, foi definida a diversidade linguística como objeto de estudo da Sociolinguística, embora, no início, Labov tenha se recusado a usar o termo 'Sociolinguística', visto que para ele só existia um tipo de linguística, a social, não havendo motivo para destacar o caráter social da língua na nomenclatura dessa nova área de estudos. O autor remete à questão referente ao uso desse termo quando salienta que "este tipo de pesquisa tem sido às vezes rotulado de 'sociolinguística', embora este seja um uso um tanto enganoso de um termo estranhamente redundante", pois, se a língua só pode ser usada em um contexto social, "de que maneira, então a 'sociolinguística' pode ser considerada algo separado da 'linguística'?" (LABOV, 2008, p. 215).

Assim, ao mencionar sua preferência em denominar os estudos que analisam a relação entre sociedade e linguagem somente como 'linguísticos', Labov (2008) alertou para a necessidade de distingui-los do estudo da língua fora do contexto social, ou seja, das propostas da linguística estruturalista.

Discordando da ideia de homogeneidade linguística defendida por Saussure (2006) e do conceito de falante ideal defendido por Chomsky (1965, 1997), para Labov, a língua não é propriedade do indivíduo, mas sim da comunidade, fato que o leva a crer que o novo modo de fazer linguística é “estudar empiricamente as comunidades de fala” (LABOV, 2008, p.259).

Portanto, Labov (2008) é considerado o principal representante desse modelo teórico metodológico – que consiste em uma ciência da linguagem social que estuda a coexistência de variantes linguísticas e suas probabilidades de uso. A principal característica desse modelo de análise linguística, em contraposição ao modelo gerativista, é que Labov “o propôs como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO, 2003, p. 7).

A Sociolinguística Laboviana é também conhecida como Teoria da Variação, e seus pesquisadores procuram analisar as variações que estão em coocorrência, as usadas ao mesmo tempo, e as concorrentes, as formas linguísticas que concorrem entre si. Seu propósito é estudar as variações linguísticas, suas estruturas e evolução no contexto social de determinada comunidade, e cobre a área usualmente chamada de “Linguística Geral”, a qual lida com “Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica” (LABOV, 2008, p. 184).

Através de sua famosa dissertação de mestrado sobre as variações do inglês utilizado por habitantes da ilha de *Martha’s Vineyard* (LABOV, 2008), realizado em 1963, Labov analisou a relação entre fatores sociais como etnia, sexo, ocupação e idade com a linguagem usada pelos nativos dessa ilha localizada no estado americano de *Massachusetts*, focalizando seu estudo na pronúncia de certos fonemas do inglês falado por essas pessoas. Ele constatou que o uso dos ditongos *au* e *ay* servia para os falantes se identificarem como nativos, contrapondo com as formas linguísticas padronizadas utilizadas pelos turistas que visitavam a ilha, o que mostrou que o uso da variante pelos nativos, considerada estigmatizada em relação à forma padrão, servia para a construção de sua identidade social, como descendentes dos *Yankees*, o grupo étnico que colonizou a ilha no século XVII. Esses habitantes ressentiam-se da presença dos veranistas do continente, considerando sua presença uma invasão cultural e econômica, portanto, marcavam a pronúncia desses ditongos como forma de resguardar sua cultura e seu espaço. Por outro lado, essa pesquisa também

revelou que o uso da forma padrão, de maior prestígio, demonstrava um sentimento de insatisfação, uma vontade de deixar a ilha, ou seja, de se diferenciar da identidade social dos habitantes nativos.

Metodologia de pesquisa

A pesquisa realizada na ilha de *Martha's Vineyard* pode ser considerada como de natureza quantitativa e qualitativa, dado que o pesquisador descreve a história, a cultura dos habitantes, as características daquela sociedade e as variações linguísticas nela presentes, conforme declara: “o trabalho relatado neste capítulo diz respeito à observação direta de uma mudança sonora no contexto de vida da comunidade na qual ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 19).

Considerando que é imprescindível ao pesquisador da área da Sociolinguística buscar dosar suas preocupações racionalistas com uma mudança de postura em relação aos sujeitos de pesquisa e em relação ao desenvolvimento de pesquisas com resultados práticos para as comunidades e/ou diretamente para os seus colaboradores, Günther (2006, p. 56), aponta que “difícilmente um pesquisador adjetivado como quantitativo exclui o interesse em compreender as relações complexas”.

Aqui é importante considerar que a Sociolinguística, seja ela de aspecto quantitativo ou qualitativo, deve-se atentar para a correlação existente entre variação linguística, comunidades de falantes e as especificidades socioculturais dessa comunidade. Dentro do segundo aspecto, declara Günther:

considerando os recursos materiais, temporais e pessoais disponíveis para lidar com uma determinada pergunta científica, coloca-se para o pesquisador e para sua equipe a tarefa de encontrar e usar a abordagem teórico-metodológica que permite, num mínimo de tempo, chegar a um resultado que melhor contribua para a compreensão do fenômeno e para o avanço do bem-estar social. (GÜNTHER, 2006).

Assim, embora não se caracterize como um estudo sociolinguístico quantitativo, e nem tenha como foco de estudo a variação fonética-fonológica, conforme o estudo de Labov, a metodologia utilizada neste trabalho foi de natureza qualitativa, visando a análise de uma variação semântico-lexical, ou seja, objetivou-se verificar se existe uma “maneira alternativa de dizer a mesma

coisa”, desde que essa maneira seja “portadora do mesmo significado referencial” (LABOV, 2008, p. 78).

O presente estudo levou em consideração as características socioculturais do grupo estudado, visto que:

[...] o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos [...] e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (ALKMIN, 2001, p. 31).

Alguns cuidados metodológicos propostos por Labov (2008) foram observados na etapa de geração e coleta de dados, no sentido de se tomar precauções para evitar ou minimizar possíveis influências negativas decorrentes da presença do pesquisador e do gravador diante do entrevistado, o que ele denominou de ‘paradoxo do observador’.

Essa recomendação consiste em observar e registrar, sem ou com poucas interferências, as falas dos entrevistados, através do uso da entrevista e um questionário sociolinguístico, previamente estruturados por meio de um roteiro de perguntas pré-estabelecido.

Visando atender a essas recomendações, foram elaboradas entrevistas narrativas de caráter aberto e descritivo, cujos temas se relacionaram a alguns aspectos do cotidiano dos adolescentes, e um questionário semântico-lexical.

As entrevistas e a aplicação do questionário duraram em média duas horas e meia cada e foram aplicadas, individualmente, a oito internos da instituição. As respostas dos entrevistados permitiram identificar 260 termos e expressões típicas do vocabulário utilizado por esse grupo social.

Discussão e Análise

A variedade linguística praticada pelos internos do CENSE também é conhecida como gíria de grupo, e consiste numa forma peculiar de expressão que se diferencia da variedade padrão, sobretudo no aspecto semântico-lexical,

em que as palavras adquirem outros sentidos, o que dificulta a compreensão de quem não pertence ao referido grupo.

Dino Preti (1984), considerado um dos maiores estudiosos da gíria, classifica essa linguagem em: gíria comum – aquela que migrou da condição de linguagem de grupo restrito para a linguagem comum da sociedade -, e gíria de grupo – aquela praticada, restritamente, por integrantes de um grupo social específico, que segundo Preti (1984, p. 32), “sinaliza uma agressão ao convencional e atesta o conflito desse grupo em relação à sociedade”.

Pela perspectiva de signo de grupo, essa variedade linguística pode ser definida como um vocabulário restrito aos internos que compartilham o mesmo grupo social – ligado à vida no crime, e “vai contra as regras da língua falada pela sociedade como protesto contra as demais regras vigentes, refletindo a visão de mundo de um grupo diante das imposições da sociedade dominante” (REMENCHE, 2003, p. 103).

Neste trabalho, a linguagem dos adolescentes internos foi tratada sob um prisma social e linguístico. Social, porque além de ser, em sua grande maioria, restrita ao uso de um grupo social específico, essa variedade linguística representa uma das variadas maneiras eficazes de se comunicar. Linguístico, considerando que seus elementos constituintes podem ser analisados do ponto de vista dos seus significados.

Assim, no intuito de fazer um paralelo entre os sentidos dos termos e expressões utilizadas pelos internos e os sentidos que constam em dicionário, foi utilizado o ‘Dicionário Houaiss Conciso’ (HOUAISS; VILLAR, 2011) para identificar a presença ou ausência de tais termos e expressões, seu significado literal e também para verificar se os sentidos dos itens coletados coincidem com os significados contidos no referido dicionário.

Para facilitar o tratamento dos dados, os termos coletados nas entrevistas e no questionário foram agrupados em nove campos semânticos, o que permitiu constatar que os campos ‘sensações e ações praticadas’ e ‘características atribuídas aos outros’ foram os que apresentaram um maior número de elementos: 76 itens e 67, respectivamente. Por outro lado, os campos

semânticos ‘drogas’, ‘dinheiro’ e ‘partes do corpo’ foram os que apresentaram o menor número de itens: 11, 10 e 8, respectivamente.

Os itens obtidos na etapa de coleta de dados foram analisados quanto ao sentido fornecido pelos entrevistados (figurado) e à definição que possa constar no referido dicionário, conforme o quadro 1, contido no Apêndice I do presente trabalho.

Ao analisar o referido quadro (Apêndice I) foi possível constatar que 156 vocábulos e expressões não se encontram dicionarizados – o que representa mais da metade do total de itens obtidos (60%). Isso indica que tais itens ainda preservam o caráter restrito e secreto dessa variedade linguística, a gíria de grupo.

Esses termos não dicionarizados reforçam o caráter fechado desse vocabulário, que surge em decorrência do isolamento social do adolescente interno e indicam uma reação e contestação aos valores e padrões socioculturais impostos pela ideologia da sociedade mais ampla, visto que, “falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional, opõe-se ao uso aceito pela maioria, e deixa marcado seu conflito com a sociedade” (PRETI, 1984, p. 84). Os termos ‘bocuda’, ‘explosiva’, ‘blindada’, ‘fuja louco’, ‘oitão’, ‘marretão’, ‘cagão’, ‘calibrado’, ‘em choque’, ‘gambé’, ‘maquinado’, ‘peidão’, ‘dar um tapa’, ‘dar um pega’, entre outros, demonstram a intenção de chocar, de transgredir as regras e os valores defendidos pela sociedade de um modo geral.

Boa parte desses vocábulos é formada por meio de neologismos lexicais, em que novas palavras ou expressões são criadas com um novo conceito. Para Preti (1984), o caráter criptológico da gíria de grupo possibilita a constante renovação do seu vocabulário, que é usado como forma de identificação do falante ao grupo a que pertence. Como exemplos de neologismos lexicais têm-se: ‘à pampa’, ‘areieiro’, ‘atrasa-lado’, ‘borsa’, ‘cagueta’, ‘cheio de querer’, ‘Falseane’, ‘Jurão’, ‘mascão’, ‘nóia’, ‘adianto’, ‘estar azul’, ‘ficar no suíno’, ‘magar’, ‘pagando ativa’, ‘pegar pira’, ‘gancha’, ‘campana’, ‘espiritique’, ‘ramera’, ‘latrô’, ‘porva’, ‘janja’, entre outras.

Os 64 termos e expressões que se encontram dicionarizados com sentido diferente do utilizado pelos colaboradores, denotam um processo polissêmico

empregado para atribuir novos significados a palavras já conhecidas, o que coincide com o apontamento de Remenche (2003, p. 24), quando esta afirma que a gíria é “uma linguagem que utiliza palavras ou frases não convencionais que expressam coisa nova ou velha, através de uma nova forma de expressão”, como ocorre com os itens: ‘caçamba’, ‘calçado’, ‘carroça’, ‘cobaia’, ‘coroa’, ‘descalço’, ‘flor’, ‘isqueiro’, ‘crocodilo’, ‘maluco’, ‘agá’, ‘bronca’, ‘beca’, ‘malote’, ‘farinha’, ‘pinha’, ‘juba’, ‘badalo’, ‘cincão’, ‘cisco’, ‘onça’ entre outros.

Esses termos também indicam que, embora constem no referido dicionário, os sentidos atribuídos pelos colaboradores mantêm o caráter fechado e restrito dessa variedade linguística, pois

[...] as variações socioculturais da linguagem, empregadas [...] como recursos expressivos, servindo para uma comunicação mais eficiente que, conforme as conveniências sociais, bem como situações de uso, intenção dos interlocutores, podem tornar-se menos ou mais fechadas. (PRETI, 1984, p. 11)

Os 40 termos e expressões dicionarizados com o mesmo sentido usado pelos internos indicam que tais itens lexicais já não apresentam o caráter restrito que distingue a gíria de grupo, visto que sua dicionarização e o conseqüente alcance pelas pessoas comuns indicam que “ao vulgarizar-se para a grande comunidade assumindo a forma de uma gíria comum, de uso geral e não diferenciado, a gíria perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando de ser signo grupal” (PRETI, 1984, p. 3). Essa constatação aponta que o caráter secreto dessa variedade linguística, enquanto signo de grupo, é efêmero, uma vez que os meios de comunicação em massa, os vários estilos musicais, como o *rap*, o *funk*, o *hip hop* e o cinema nacional promovem, dia a dia, um alcance cada vez maior a essa linguagem.

Quando um vocábulo ou expressão dessa linguagem passa pelo processo de dicionarização, seu caráter hermético vai se perdendo paulatinamente até alcançar o estágio de gíria mais genérica, denominada de “gíria comum” - “fenômeno de um vocabulário parasita de limites e usos imprecisos, mas atuante e presente no léxico urbano” (PRETI, 1984, p.162). Assim, seu uso tende a ser abandonado, ou reaproveitado, pois a “perda de seu caráter hermético” pode obrigar o grupo a demonstrar a “necessidade de defesa/agressão através de um novo valor semântico para o termo” (PRETI, 1984, 83).

Nessa transição semântica, a proximidade com a linguagem popular, por meio de sua dicionarização, se concretiza pelo caráter recorrente do vocábulo gírio que possibilita a ampliação do grau de aceitabilidade social. Dessa forma, essa variedade linguística passa de um uso mais restrito a um uso mais amplo, deixa de representar a identidade do grupo fechado que a revelou e migra da condição de linguagem restrita a um grupo social para a condição de linguagem comum. Como exemplos desses termos têm-se: ‘aliado’, ‘baba-ovo’, ‘burrão’, ‘cabuloso’, ‘chapado’, ‘função’, ‘ladrão’, ‘novato’, ‘agachamento’, ‘lance’, ‘estoque’, entre outros.

Considerando a cultura como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55), um aspecto revela a relação entre cultura e usos linguísticos desse grupo social: a presença de alguns tabus linguísticos.

No caso dos termos ‘marrocos’ e ‘meia-lua’, os seus referentes (pão e banana) são sempre relacionados a outros carregados de tabu (pão=nádegas, banana=pênis), por esse motivo, seus usos podem gerar situações constrangedoras, pois violam as regras estabelecidas pelo grupo, sendo considerados como ‘dar milho’, e devem ser cobrados negativamente, e aqueles que cometem tal erro são chamados de ‘milharal’ ou de ‘peidão’.

Há outros termos que também são utilizados para substituir uma palavra da língua comum, considerado ‘tabuísmo’ pelo grupo estudado, como os itens ‘fazer uma média’ (aquietar-se), ‘ducha’ (banho), ‘gancha’ (calça), ‘pinha’ (cabeça). Os três primeiros são utilizados para substituir termos considerados pertencentes ao universo feminino, e, além de evitar ambiguidade, esses itens denotam um caráter de autoafirmação da masculinidade do membro do grupo que os utiliza. Já ‘pinha’ é usada e aceita, porque o item lexical ‘cabeça’, internamente, possui conotação sexual, sendo considerado sinônimo de pênis.

Outro aspecto observado pelo uso inadequado dessa variedade linguística é o caso dos itens ‘areieiro’, ‘estar azul’ e ‘ladrão’. Na instituição visitada é proibido chamar um interno de mentiroso, por esse termo ser considerado altamente ofensivo no interior do grupo. Por essa razão, é usada a palavra ‘areieiro’, considerada mais branda em termos de ofensa. Outro exemplo é o do termo ‘ladrão’. Na língua comum, essa unidade lexical pode até ser

considerada ofensiva, mas para os entrevistados têm valor semântico completamente oposto, ou seja, tem valor inverso, já que ‘ladroão’ nomeia qualquer indivíduo ligado ao mundo do crime, por isso, uma pessoa bem-vista e valorizada entre os demais; assim, ‘ladroão’ tem caráter valorativo, daí ser considerado uma forma de elogio.

Já a origem da expressão ‘estar azul’ (esperto) evidencia um aspecto interessante: ela foi criada para substituir o termo ‘ligeiro’, que já tinha tido o seu significado modificado. Esse termo, que antes designava uma pessoa esperta, sagaz, teve seu sentido alterado para designar uma pessoa que tem costume de furtar amigos. Portanto, houve a necessidade de se criar outra expressão que se apoderasse do sentido original de ‘ligeiro’, daí o surgimento da expressão ‘estar azul’, para preencher essa lacuna.

Um dos entrevistados declarou que, durante os primeiros dias em que foi lotado na instituição, procurou ficar quieto apenas observando a maneira dos outros internos se comunicarem, para aprender a ‘bolar ideia’ corretamente. Em outra ocasião, durante a aplicação das entrevistas, este pesquisador utilizou a palavra ‘banana’. Imediatamente, percebendo o sentido dúbio do termo, o adolescente começou a rir e explicou o porquê que não se deve utilizar essa palavra.

Destacam-se, ainda, os termos ‘crocodilo’ e ‘boi’. Dentro do grupo social estudado, o primeiro é utilizado normalmente para designar a pessoa que não é digna de confiança, que ataca pelas costas, como o réptil; o segundo apresenta uma relação visual entre o termo ‘boi’ e vaso sanitário, pois o animal é grande, branco e costuma defecar em grande quantidade, da mesma forma, o vaso sanitário também o é e se relaciona com fezes.

Por envolver adolescentes em regime de privação de liberdade, esta pesquisa levou em conta importantes aspectos sociolinguísticos desse grupo social, pois as características físico-ambientais a que estão sujeitos, como a restrição de circulação, o convívio forçado com outros internos e a constante vigilância, somadas às características socioculturais desses jovens, como o afastamento familiar e social, históricos de vida ligados à violência, obediência às regras paralelas da população geral de internos e a contestação e violação das regras de boa convivência defendidas pela sociedade civil, influenciam no modo

como esses adolescentes veem o mundo, se comportam, e na maneira como exprimem seus valores e ideais através da linguagem. Tal influência cultural e ambiental encontra respaldo em Coelho e Mesquita (2013, p. 26), quando estes apontam que a linguagem não é somente um mero conjunto de signos e regras de combinação desses signos, “haja vista ser atravessada por aspectos da ordem do físico, do sociocultural, do psicológico e do linguístico”.

Assim, torna-se relevante ressaltar a importância da relação entre os valores culturais do grupo social estudado e seu comportamento linguístico, pois essa linguagem permite ao interno

[...] interagir com a realidade em que está circunscrito, pois necessita comunicar-se com o outro. Por meio desta comunicação, ele partilha sua visão de mundo, suas experiências, sentimentos, conhecimentos, enfim, sua cultura. Portanto, a língua de um grupo é parte de sua cultura. (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 33).

O conhecimento dessa variedade linguística permite que os adolescentes se identifiquem uns com os outros, através do compartilhamento de valores socioculturais comuns, o que permite inferir que língua e cultura estão relacionadas, visto que “é por meio da língua que a cultura se constrói e é difundida, e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 2).

O Centro Socioeducativo representou o ambiente físico e social em que essa variação linguística é praticada, dado que a composição desse ambiente: vários ‘xis’ (termo relacionado eufemisticamente a alojamentos), alambrados, grades de ferro, muros altos, torres e câmeras de vigilância, são os principais motivadores dos comportamentos sociais e linguísticos dos internos, conforme aponta Sapir:

o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade, pois o léxico de uma língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. (SAPIR, 1987 [1947], p. 45).

Com relação à influência ambiental e sociocultural no uso de uma língua, Sapir ([1947] 1987) apresenta três níveis de fala: o nível morfossintático – relativo aos processos de formação e classificação das palavras; o fonético-fonológico –

referente ao sistema de sons que se operam para a construção de palavras; e o nível semântico-lexical – relacionado ao conteúdo ou assunto. O presente estudo teve como foco o terceiro nível proposto por esse linguista, no intuito de possibilitar identificar o sentido do léxico utilizado pelos internos do Centro Socioeducativo (análise semântico-lexical).

Portanto, estudar a linguagem dos internos do CENSE implica também resgatar sua cultura e levar em conta o contexto ambiental em que é praticada, considerando-se que essa variedade linguística concentra e acumula as aquisições culturais que retratam a comunidade em que estão inseridos e, apesar de não se configurar em um outro idioma, principalmente por não possuir sintaxe própria, caracteriza-se como um vocabulário diferenciado, que reconhece e reflete o contexto ambiental e social no seu léxico.

Pela análise realizada fica perceptível uma estreita relação entre as atitudes sociais do grupo pesquisado e a linguagem utilizada por seus membros, ou seja, fica claro que suas escolhas lexicais não são aleatórias, gratuitas, mas, de fato, refletem os valores socioculturais e ideológicos que caracterizam esse grupo social, como foi observado por Labov (2008) em seu estudo em *Martha's Vineyard*.

Em razão disso, é possível perceber que essa variedade linguística não serve apenas, pura e simplesmente, para a comunicação, mas também representa claramente uma manifestação de força social no âmbito do grupo.

Pelo exposto, fica evidente a presença da “heterogeneidade sistemática” na Língua Portuguesa, a qual permite a identificação e demarcação de diferenças sociais dentro da sociedade em geral, visto que a análise do corpus possibilitou evidenciar como “parte da competência linguística dos indivíduos, o domínio de estruturas heterogêneas” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 101).

Considerações finais

Este trabalho não teve a pretensão de abranger a história da Sociolinguística na sua totalidade, porém objetivou demonstrar que essa área de estudos linguísticos, por contrariar a homogeneidade linguística das teorias

estruturalistas, permite identificar e estudar as variações linguísticas presentes na Língua Portuguesa, como a que ocorre na linguagem praticada pelos adolescentes em regime de privação de liberdade.

A comparação dos sentidos das palavras atribuídos pelos adolescentes com a acepção contida no dicionário permitiu confirmar o conceito laboviano de “variantes linguísticas”, que são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2003, p. 08).

A análise dos itens coletados possibilitou constatar que, dos 260 termos e expressões obtidas na pesquisa, 156 não se encontram dicionarizados na obra utilizada, o que corresponde a 60% do total coletado; 64 itens estão dicionarizados com outro sentido na referida obra, 24,5%; e 40 itens estão dicionarizados em Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2011) com o mesmo sentido utilizado pelos entrevistados, 15,5%.

Essas informações, por si só, já confirmam a importância desta pesquisa, visto que os verbetes não-dicionarizados e os dicionarizados com outro sentido representaram 84,5% do corpus coletado. Esse ‘ineditismo’ do corpus confirma a importância da pesquisa e aponta para o alcance do objetivo apresentado na Introdução. Com base nessas informações, até então pouco disponíveis na literatura acadêmica, é possível uma melhor disseminação do vocabulário utilizado por esses jovens, possibilitando uma maior compreensão do fenômeno da variação linguística, e contribuindo, assim, para uma comunicação mais eficaz entre os interessados e o grupo estudado.

Ficou claro que essa variedade linguística é influenciada pelo contexto sociocultural em que se localiza essa comunidade de falantes, determinando a posição social de seus integrantes, o que confere com o posicionamento de Possenti (1997, p. 37), ao afirmar que “a variedade linguística nada mais é do que o reflexo da sociedade, onde esta possui uma variedade social, caracterizando então, o papel dos indivíduos e dividindo-os em grupos, classes”.

Por fim, é relevante apontar que a linguagem dos adolescentes internos é definida por normas socioculturais que ligam esses indivíduos a um papel social, caracterizado pela contestação e não adequação aos valores e regras

defendidas pela sociedade mais ampla, e os localizam à margem da sociedade, provocando uma divisão que também se reflete na língua.

Referências

- ALKMIN, Tania. Sociolinguística – Parte I. In: MUSSALIN, F; BENTES, A. C. *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, v. 1, 2001, p. 21-47.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989.
- COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. *Entre Letras*, v. 4, n. 1, 2013.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts, the MIT Press, 1965.
- _____. Conhecimento da História e construção teórica na Linguística Moderna. In: *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 13. SPE, 1997, p. 133-155.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: UNESP, 2005.
- GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? In: *Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 07*. Brasília: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2006. Disponível em: <www.psi-ambiental.net/pdf/07QualQuant.pdf> Acesso em: 17 DE JUN. DE 2018.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss Conciso*. São Paulo: Moderna, 2011.
- HODSON, Thomas. Sociolinguistics in India. In: *Man in India*, v. 19, 1939, p. 94-98.
- JAKOBSON, Roman. *Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências*. Lisboa: Bertrand, 1973.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T.A. Queiroz Edusp, 1984.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. *As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná*. 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: uma introdução*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1987 [1947].

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática, 2003.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em: 10-10-2018

Aprovado em: 03-06-2019

Apêndice I

Quadro 1 – Termos e expressões coletadas com os entrevistados

Características atribuídas aos outros: 67

À pampa – estar tranquilo, sossegado. O dicionário registra somente o termo ‘pampa’ (HOUAISS, 2011, p. 695), mas sem a acepção correspondente àquela utilizada pelos entrevistados. Não dicionarizado.

Aliado – alguém de confiança com quem se pode contar. Segundo Houaiss (2011, p. 43), “1 (o) que se liga a outro para defender a mesma causa ou atacar o mesmo inimigo”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Areieiro – quem falta com a verdade. Houaiss (2011, p. 76) somente apresenta a palavra ‘areia’, mas não com o significado obtido nas entrevistas. Não dicionarizado.

Atrasa-lado – quem prejudica os outros. O dicionário registra o termo “atrasar” (HOUAISS, 2011, p. 95) como “3 fig. impedir o progresso de; prejudicar”, mas não registra a expressão em sua forma composta. Não dicionarizado.

Baba-ovo – aquele que fica bajulando outra pessoa. Houaiss apresenta o termo (2011, p. 105) como “s.2 *g.infrm.* o que adula; bajulador.” Dicionarizado com o mesmo sentido.

Borsa – adolescente que apresenta comportamento e postura não aceitas pelo grupo de internos. Esse termo é considerado de alto teor ofensivo. Não dicionarizado.

Boy – pessoa de alto poder aquisitivo e status social. Forma reduzida de playboy (HOUAISS, 2011, p. 732): “s. *m.* rapaz, geralmente rico, solteiro e ocioso, cuja vida social e esportiva é intensa”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Burrão – quem só comete erros propositadamente dentro da instituição. Aumentativo de burro. Segundo Houaiss (2011, p. 143), “3 teimoso, ignorante”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Cabuloso – aquilo ou aquele que é considerado esquisito, estranho. De acordo com Houaiss (2011, p. 147), “4 complicado, obscuro”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Cagueta – quem delata um companheiro. Não dicionarizado.

Caçamba – ver madeireiro. Segundo Houaiss (2011, p. 147), “s. *f.* B 1 balde geralmente preso a uma corda, usado para tirar água de poços”. Dicionarizado com sentido diferente.

Cagão – quem tem medo. Houaiss (2011, p. 151) somente apresenta o termo cagaço como “2 falta de coragem; covardia”. Apesar de parecidos, o dicionário não registra o termo obtido nas entrevistas. Não dicionarizado.

Chapado – característica de quem está cansado de fazer alguma coisa. Houaiss (2011, p. 186) registra esse item como “2 *fig. Binfrm.* que está exausto, deprimido ou drogado”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Cheio de querer – quem se considera melhor que os outros. Não dicionarizado.

Calçado – estar ou andar portando arma de fogo. Segundo Houaiss (2011, p. 152), “calçado *adj.* revestido de pedras, paralelepípedos ou outro material; pavimentado 2 que tem os pés protegidos por sapatos”. Dicionarizado com sentido diferente.

Calibrado – ver calçado. Houaiss (2011, p. 153) apresenta o item “calibre” como “diâmetro interno de uma peça de artilharia”. Não dicionarizado.

Carroça – quem copia ou imita as palavras ou as atitudes dos outros. Para Houaiss (2011, p. 169), “1 carro *ger.* de madeira puxado por animais”. Dicionarizado com sentido diferente.

Cobaia – quem comete erros graves segundo as regras paralelas dos internos. Segundo Houaiss (2011, p. 202), “2 *p.ext.* qualquer animal ou pessoa usada como objeto de experimentação”. Dicionarizado com sentido diferente.

Considerado – quem é estimado pelo grupo. O dicionário somente apresenta o item “considerável” (HOUAISS, 2011, p. 224) como “digno de consideração”. Não dicionarizado.

Coroa – mãe. Segundo o dicionário (HOUAISS, 2011, p. 237), “7 pessoa de meia-idade”. Dicionarizado com sentido diferente.

De boa – ver ‘à pampa’. Não dicionarizado.

Desacorçoado – aturdido. Não dicionarizado.

Descalço – desarmado. Segundo Houaiss (2011, p. 276), “*adj.* 1 sem calçados 2 não pavimentado”. Dicionarizado com sentido diferente.

Desumilde – quem não tem humildade. Não dicionarizado.

Doze-duque – quem cumpre medida socioeducativa relativa ao ato infracional de porte ou comércio de drogas. Não dicionarizado.

- Duas caras** – quem é falso, traidor. Não dicionarizado.
- Duque-treze** – quem é considerado como autor de abuso sexual. Não dicionarizado.
- Em choque** – abalado, assustado. Não dicionarizado.
- Embalado** – quem não tem opinião própria. Conforme Houaiss (2011, p. 333), “s. m. 1 balanço 3 *infrm.* agitação, euforia”. Dicionarizado com sentido diferente.
- Falseane** –ver ‘duas caras’. Não dicionarizado.
- Faraó** – ver ‘areieiro’. Segundo Houaiss (2011, p. 426), “s. m. título dos reis do antigo Egito”. Não dicionarizado.
- Flor** – quem tem orientação homoafetiva. Em Houaiss (2011, p. 444), “s. f. órgão das plantas responsável pela reprodução, geralmente colorido e perfumado. Dicionarizado com sentido diferente.
- Função** – atividade ou meta a ser cumprida. Segundo Houaiss (2011, p. 458), “s. f. 1 obrigação a cumprir, papel a desempenhar”. Dicionarizado com o mesmo sentido.
- Gambé** – policial ou representante de órgão vinculado à segurança pública. Não dicionarizado.
- Gostar de se mostrar** – ver ‘cheio de querer’. Não dicionarizado.
- Inocentão** – Forma ampliada de inocente. Ver *cobaia*. Não dicionarizado.
- Isqueiro** – adolescente que gosta de ver confusão, que fomenta intrigas. Conforme Houaiss (2011, p. 558), “s. m. objeto, geralmente usado por fumantes, que ao ser acionado acende uma pequena chama”. Dicionarizado sentido diferente.
- Jack** – ver *duque-treze*. Não dicionarizado.
- Crocodilo** – quem ataca verbal ou fisicamente pelas costas. Segundo Houaiss (2011, p. 247), “s. m. grande réptil de pele grossa, focinho longo com grandes dentes cônicos, mandíbulas fortes, pernas curtas terminadas em garras e cauda longa”. Dicionarizado com sentido diferente.
- Jurão** – quem promete algo e não cumpre o estipulado. Houaiss (2011, p. 566) somente apresenta o termo “jurar”. Não dicionarizado.
- Ladrão** – quem se envolve com furto ou roubo de objetos ou dinheiro. De acordo com Houaiss (2011, p. 572), “*adj. s. m.* 1 (aquele) que rouba, furta”. Dicionarizado com o mesmo sentido.
- Madeireiro** – ver ‘carroça’. Segundo Houaiss (2011, p. 601), “*adj. s. m.* 1 quem negocia com a madeira 2 quem trabalha numa madeireira”. Dicionarizado com sentido diferente.
- Maluco** – qualquer interno da unidade, amigo. Conforme Houaiss (2011, p. 607), “*adj. s. m.* 1 quem sofre de distúrbios mentais; louco”. Dicionarizado com sentido diferente.
- Mano** – ver ‘maluco’. Forma reduzida de ‘irmão’. Segundo Houaiss (2011, p. 611), “s. m. *infrm* 1 irmão 2 amigo, camarada, colega”. Dicionarizado com o mesmo sentido.
- Maquinado** – andar armado. Ver ‘calibrado’. Não dicionarizado.
- Mascão** – quem demonstra medo. Não dicionarizado.
- Mina** – namorada. Forma reduzida de menina. De acordo com Houaiss (2011, p. 636), “s. f. 1 jazida 2 escavação na terra para extração de minérios 3 carga explosiva [...] 4 nascente de água”. Dicionarizado com sentido diferente.
- Mocorongo** – adolescente ingênuo. Não dicionarizado.
- Morgado** – cansado, fadigado. Conforme Houaiss (2011, p. 649), “s. m. 1 herança destinada apenas ao filho mais velho”. Dicionarizado com sentido

diferente.

Mula – tirar sarro de alguém. Segundo Houaiss (2011, p. 652), “s. f. fêmea do mulo”. Dicionarizado com sentido diferente.

Nóia – quem é dependente de drogas, principalmente o crack. Forma reduzida de paranóia. Não dicionarizado.

Novato – interno recém-chegado na unidade. Segundo Houaiss (2011, p. 670), *adj.* 1 inexperiente; sem vivência *s. m.* 2 principiante. Dicionarizado com mesmo sentido.

Peidão – quem só faz coisa errada. Ver cobaia. Forma aumentativa de peido. Não dicionarizado.

Piolho – adolescente que já cumpriu bastante tempo de internação. Segundo Houaiss (2011, p. 727), “s. m. inseto sem asas, com peças bucais sugadoras, que se alimenta de sangue de mamíferos, mesmo do homem; muquirana”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pilantra – quem engana ou prejudica outra pessoa. Conforme Houaiss (2011, p. 725), “*adj. 2g. s. 2g. infm.* que (m) é mau caráter, trapaceiro, artiloso, malandro”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Retardado – quem não se preocupa em manter um bom comportamento na unidade. De acordo com Houaiss (2011, p. 820), “*adj. s. m.* 1 (indivíduo) cujo desenvolvimento mental está aquém da média normal para sua idade”. Dicionarizado com sentido diferente.

Tá chapando – quem está incomodado com alguém ou com alguma coisa ou situação. Não dicionarizado.

Tá suave – tranquilo, sossegado. Ver ‘à pampa’. Não dicionarizado.

Tô de boa – em paz, tranquilo. Ver ‘à pampa’. Não dicionarizado.

Tô de cara – indignado. Não dicionarizado.

Tô de lara – com fome. Não dicionarizado.

Tô lesado – cansado. Não dicionarizado.

Tô no veneno – com raiva. Não dicionarizado.

Tongo – abobalhado. Não dicionarizado.

Um-cinco-cinco – quem pratica furto. Expressão extraída do artigo 155 do Código Penal Brasileiro, relativa ao ato criminal de furto. Não dicionarizado.

Zoador – quem tira o sarro. Não dicionarizado.

Viado – quem tem orientação homoafetiva. Ver ‘flor’. Houaiss (2011, p. 950) apresenta “veado” como “2 *fig. gros.* homossexual do sexo masculino”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Sensações e ações praticadas: 76

Abraçar ideia – acreditar em alguém. Não dicionarizado.

Adianto – melhora de determinada situação. Não dicionarizado.

Agá – esperar alguém ou algum acontecimento. De acordo com Houaiss (2011, p. 30), “s. m. nome da letra agá”. Dicionarizado com sentido diferente.

Agachamento – procedimento de fiscalização a que são submetidos os adolescentes visando a identificação de possíveis objetos não autorizados, que podem ser portados pelos internos no interior de suas roupas ou corpo. Segundo Houaiss (2011, p. 30), “s. m. 1 ato ou efeito de agachar-se; abaixamento, acocoramento”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Bater a blindada – alimentar-se. Não dicionarizado.

Bolar ideia – Conversar sobre determinado assunto com alguém. Não dicionarizado.

Bronca – qualquer tipo de ato infracional que levou o infrator ao regime de

internação. De acordo com Houaiss (2011, p. 139), “s. *f. Binfrm.* 1 repreensão áspera 2 reclamação ou crítica a respeito de pessoa ou estado de coisas”.
Dicionarizado com sentido diferente.

Caçar assunto – provocar alguém, arrumar confusão. Não dicionarizado.

Cair com – Ser preso pela polícia, ou algum órgão de justiça, cometendo algum ato infracional. Não dicionarizado.

Calçar o peito – pôr a camisa ou blusa. Não dicionarizado.

Cambau – agressão física. Não dicionarizado.

Cena – qualquer situação a que se faz referência. Segundo Houaiss (2011, p. 180), “s. *f.* 1 palco 2 subdivisão de uma peça teatral”. Dicionarizado com sentido diferente.

Chamar na humildade – pedir um favor a outrem. Não dicionarizado.

Chapar com – desanimar com algo, com algum acontecimento ou situação. Não dicionarizado.

Chocar – esperar demoradamente por algo ou alguma situação. Segundo Houaiss (2011, p. 189), “v. *int. fig.* 3 esperar por muito tempo”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Chorar – sentir saudade. Segundo Houaiss (2011, p. 190), “v. *int.* 4 expressar tristeza pela perda ou ausência de um ente querido”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Clarear – ser agraciado com alguma coisa. Segundo Houaiss (2011, p. 198), “v. *t. d. e int.* 1 tornar(-se) claro; iluminar-se”. Dicionarizado com sentido diferente.

Condena – condenação. Forma reduzida de condenação. Embora Houaiss (2011, p. 217) apresente o termo “condenação” como “2 sentença condenatória 3 pena imposta por sentença”, considerou-se somente o uso da forma reduzida. Não dicionarizado.

Correr com – pertencer à alguma gangue, ser fiel à alguém. Não dicionarizado.

Dar a letra – explicar alguma coisa à outrem. Não dicionarizado.

Dar atenção – ouvir alguém falar. Houaiss apresenta o verbete “atenção” (2011, p. 92) como “s. *f.* 1 concentração da atividade mental sobre algo [...] 2 cuidado, zelo com algo ou alguém”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Dar gesto – comunicar-se através de gestos com as mãos. Segundo Houaiss (2011, p. 474), “gesto *s.m.* 1 movimento do corpo, especialmente mãos, braços e cabeça, para exprimir algo”. Dicionarizado como mesmo sentido.

Dar ideia – ver ‘bolar ideia’. Não dicionarizado.

Dar milho – cometer atitude não admitida pelos internos. Não dicionarizado.

Dar mio – ver ‘dar milho’. Forma reduzida de milho. Não dicionarizado.

Dar nome – Apelidar um adolescente interno recém-chegado. Não dicionarizado.

Dar uma contenção – atender ao pedido de ajuda de outrem. Não dicionarizado.

Dar uma mão – ver ‘dar contenção’. Houaiss apresenta o verbete “mão” (2011, p. 612) com outra acepção. Não dicionarizado.

Dar um pega – cheirar cocaína. Houaiss apresenta o verbete “pegar” (2011, p. 711) como “v. *t. d. e i.* 1 segurar, prender. Não dicionarizado.

Dar raio – ver ‘dar um pega’. Houaiss (2011, p. 790) apresenta o verbete “raio” como “s. *m.* 1 descarga elétrica na atmosfera, acompanhada de relâmpago e trovão [...] 3 reta que vai do centro a qualquer ponto de um círculo ou esfera”. Não dicionarizado.

Dar um rolê – passear. Não dicionarizado.

Dar um tiro – ver ‘dar raio’. Houaiss (2011, p. 911) apresenta o verbete “tiro”

como “s. m. 1 disparo de arma de fogo”. Não dicionarizado.

Debater – discutir. De acordo com Houaiss (2011, p. 257), “v. int. 1 entrar em discussão; alterar”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

De mil grau – coisa, acontecimento ou pessoa muito agradável, prazerosa. Não dicionarizado.

Deixar falando – ignorar os argumentos de outrem. Não dicionarizado.

Desacordo – desentendimento com outrem. Segundo Houaiss (2011, p. 271), “s. m. 1 ausência de entendimento; desavença”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Desavença – ver desacordo. De acordo com Houaiss (2011, p. 275), “s. f. 1 conflito entre pessoas por falta de concordância sobre algo; discórdia”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Dormir na pedra – estar em situação desconfortável, desagradável. Não dicionarizado.

Encaixotar – guardar. Segundo Houaiss (2011, p. 342), “v. t. d. guardar em caixote ou caixa; encaixar”. Não dicionarizado.

Enquadrar – abordar uma pessoa visando roubá-la. De acordo com Houaiss (2011, p. 356), “t. d. 1 pôr em moldura [...] 5 B gíria deter para averiguações”. Dicionarizado com sentido diferente.

Estar azul – estar atento, esperto. Não dicionarizado.

Estar de lança – estar preparado para alguma ação imprevista. Não dicionarizado.

Estar na alimentação – momento em que é servida a refeição. Não dicionarizado.

Estar ligado – ficar atento. Não dicionarizado.

Estar no sossego – tranquilo. Ver ‘à pampa’. Não dicionarizado.

Estrutural – inspeção feita pelos educadores nos alojamentos dos internos. Segundo Houaiss (2011, p. 405), “adj. 2g. 1 relativo a uma estrutura qualquer 2 que ocorre em uma estrutura ou com ela se relaciona”. Dicionarizado com sentido diferente.

Fazer a cabeça – fazer uso de maconha. Não dicionarizado.

Fazer a ponte – pegar algo para outrem. Não dicionarizado.

Fazer jogo – trocar algum objeto com outra pessoa. Não dicionarizado.

Fazer uma média – ficar em silêncio, aquietar-se. Não dicionarizado.

Fechar com alguém – concordar, apoiar outra pessoa. Não dicionarizado.

Ficar na corda – Aguardar, sem sucesso, o auxílio de outrem. Não dicionarizado.

Ficar no suíno – medida disciplinar na qual o adolescente, em virtude de cometimento de falta grave, fica impedido de sair de seu quarto para atividades socioeducativas. Não dicionarizado.

Guento – furtar ou roubar. Não dicionarizado.

Jogada – ver ‘fazer jogo’. De acordo com Houaiss (2011, p. 563), “s. f. 1 cada lance de um jogo”. Dicionarizado com sentido diferente.

Jogar areia – mentir. Não dicionarizado.

Lance – situação ou acontecimento. Segundo Houaiss (2011, p. 575), “4 Binfrm. o que acontece, aconteceu ou pode acontecer; episódio, fato”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Levar liga – levar vantagem. Não dicionarizado.

Ligar – chamar alguém. Segundo Houaiss (2011, p. 587), “3 pôr em comunicação; unir [...] 11 dar importância, atenção para; interessar-se”.

Dicionarizado com o mesmo sentido.

Magar – gostar de algo. Não dicionarizado.

Mancada – erro, gafe. De acordo com Houaiss (2011, p. 608), “2 *fig. B infm.* atitude, comportamento com resultado insatisfatório ou negativo; falha, erro”.
Dicionarizado com o mesmo sentido.

Mandar um salve – cumprimentar outro interno. Não dicionarizado.

Marretão – agressão física que consiste em dar um soco no tórax de outro adolescente. Essa atitude faz parte do código paralelo de conduta determinado pela população adolescente da instituição. Houaiss (2011, p. 617) apresenta o verbete “marreta” como “s. *f.* martelo de ferro com cabo longo”. Não dicionarizado.

Medida disciplinar – procedimento interno da instituição socioeducativa que consiste em privar o adolescente autor de falta disciplinar de alguma atividade que antes lhe era permitido participar. Não dicionarizado.

Mocozar – esconder algo. Não dicionarizado.

Negar voz – ignorar o chamamento de alguém. Apesar de Houaiss apresentar os termos “negar” (2011, p. 662) e “voz” (2011, p. 969), essa expressão não está presente na obra. Não dicionarizado.

Pagando ativa – fazer limpeza no alojamento. Não dicionarizado.

Pagando dentária – escovar os dentes. Não dicionarizado.

Passar a visão – explicar à alguém determinado acontecimento. Não dicionarizado.

Passar o fone – mandar um recado para alguém. Não dicionarizado.

Passar pano – proteger alguém, fingir que não viu algo errado cometido por alguém. Não dicionarizado.

Pegar pira – ficar bravo, irritado com alguém. Não dicionarizado.

Procedimento – método de inspeção individual e rotineira, feita pelos educadores nos adolescentes. De acordo com Houaiss (2011, p. 759), “s. *m.* 1 maneira de agir, comportamento 2 modo de fazer algo, técnica, método.
Dicionarizado com o mesmo sentido.

Revista – ver estrutural. Segundo Houaiss (2011, p. 824), “s. *f.* exame cuidadoso de algo ou alguém; inspeção”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Sair no cinco – tipo de luta praticada pelos internos. Segundo o informante 1, essa expressão faz referência à expressão cinco minutos, que é um tipo de luta com essa duração. Não dicionarizado.

Tirar um descanso – dormir. Houaiss (2011, p. 276) apresenta o termo “descanso” como “3 ato de cochilar ou dormir, sono. Mas não há registro dessa expressão. Não dicionarizado.

Tirar uma brisa – tirar sarro de alguém. Houaiss (2011, p. 139) apresenta o termo “brisa” como “s. *f.* vento leve e fresco; aragem”, porém não há registro da expressão completa. Não dicionarizado.

Objetos: 40

Barca – qualquer tipo de carro. De acordo com Houaiss (2011, p. 113), “*barcas. f.* embarcação de fundo raso usada para transporte de cargas e passageiros em rios e baías”. Dicionarizado com sentido diferente.

Beca – qualquer tipo de calça. Segundo Houaiss (2011, p. 117), “s. *f.* 1 longa veste usada por formandos de grau superior, juízes e advogados 2 *infm.* roupa elegante”. Dicionarizado com sentido diferente.

Gancha – ver beca. Não dicionarizado.

Bic - instrumento que produz fogo, isqueiro. Não dicionarizado.

Brasa – Ver bic. Em Houaiss (2011, p. 137), “s. f. carvão que arde sem chama [...] 4 fig. *infrm.* raiva, cólera”. Dicionarizado com sentido diferente.

Bobo – relógio. De acordo com Houaiss (2011, p. 129), “s. m. 1 palhaço do rei; bufão *adj.* s. m. 2 que(m) é fútil, idiota ou ingênuo; tolo”. Dicionarizado com sentido diferente.

Rolex – ver bobo. Não dicionarizado.

Buti – tênis, sapato. Não dicionarizado.

Campana– espelho. Em Houaiss (2011, p. 157), “s. f. sino”. Dicionarizado com sentido diferente.

Calibre– revólver. Segundo Houaiss (2011, p. 153), “s. m. 1 diâmetro da parte interior de um cilindro 2 diâmetro interno de uma peça de artilharia”. Dicionarizado com sentido diferente.

Canhão – ver calibre. De acordo com Houaiss (2011, p. 160), “s. m. 1 arma pesada de cano longo para tiro horizontal de grande alcance”. Dicionarizado com sentido diferente.

Cano – ver calibre. Em Houaiss (2011, p. 160), “1 cilindro longo e oco para escoar líquido ou gás 2 em arma de fogo, tubo por onde sai a bala”. Dicionarizado com sentido diferente.

Catatau – carta ou bilhete. Segundo Houaiss (2011, p. 174), “s. m. 1 castigo físico; pancada”. Dicionarizado com sentido diferente.

Chorona – bilhete ou carta. Ver catatau. Não dicionarizado.

Coruja – cueca. De acordo com Houaiss (2011, p. 241), “s. f. 1 ave de hábitos crepusculares e noturnos, com face em forma de coração e voo silencioso, que engole por inteiro pequenos mamíferos, insetos e aranhas, e depois vomita os pelos e fragmentos de ossos”. Dicionarizado com sentido diferente.

Espiritique – Desodorante. Não dicionarizado.

Estampa – camiseta. Segundo Houaiss (2011, p. 396), “s. f. 1 figura impressa em papel, tecido, couro etc”. Dicionarizado com sentido diferente.

Rolon – ver espiritique. Não dicionarizado.

Estoque – tipo de faca pontiaguda produzida artesanalmente. Segundo Houaiss (2011, p. 401), “2 qualquer objeto transformado em instrumento pontiagudo e cortante”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Naifa – ver estoque. Não dicionarizado.

Fire – ver bic. Não dicionarizado.

Fute – jogar futebol. Forma reduzida de ‘futebol’. Não dicionarizado.

Pelota – bola e futebol. De acordo com Houaiss (2011, p. 712), “2 B a bola de futebol”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

G 2 – Aparelho de barbear. Não dicionarizado.

Prestobarba – ver G 2. Não dicionarizado.

Lambreta – chinelo. De acordo com Houaiss (2011, p. 574), “s. f. 1 espécie de motocicleta com rodas pequenas em que é possível juntar as pernas à frente do assento; motoneta”. Dicionarizado com sentido diferente.

Luna – óculos. Não dicionarizado.

Manta – cobertor. De acordo com Houaiss (2011, p. 611), “s. f. 1 cobertor de cama. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Oitão – ver calibre. Não dicionarizado.

Pano – roupa. Segundo Houaiss (2011, p. 696), “s. m. 1 qualquer tipo de tecido 2 qualquer pedaço de tecido, usado especialmente para fins domésticos. Dicionarizado com sentido diferente.

Pena – caneta. Segundo Houaiss (2011, p. 712), “2 peça, geralmente metálica,

adaptada à caneta usada para escrever ou desenhar”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Veste – ver pano. De acordo com Houaiss (2011, p. 956), “s. f. 1 roupa, vestimenta”, Dicionarizado com o mesmo sentido.

Tinteira – Ver pena. Não dicionarizado.

Perna – Nota de cem reais. Segundo Houaiss (2011, p. 719), “s. f. 1 cada um dos membros inferiores do corpo humano”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pipa – ver catatau. Em Houaiss (2011, p. 727), “barril de madeira usado especialmente para armazenar vinho”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pisante – ver buti. Não dicionarizado.

Radinho – telefone portátil, celular. Não dicionarizado.

Ramera – ver estampa. Não dicionarizado. Houaiss (2011, p. 790) apresenta o termo “rameira” com a acepção de “prostituta”. Não dicionarizado.

Tela – televisão. Forma reduzida de televisão. De acordo com Houaiss (2011, p. 900), “6 superfície de TV, computador etc. em que aparece a imagem”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Teresa – corda improvisada feita de lençóis. Não dicionarizado.

Expressões e termos gerais: 20

Bagulho – qualquer objeto, coisa ou acontecimento de que se esteja falando. Segundo Houaiss (2011, p. 107), “s. m. *infrm.* 2 qualquer objeto”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Banca – grupo de pessoas que se conhecem. De acordo com Houaiss (2011, p. 110), “s. f. 1 grande mesa rústica 2 grupo de examinadores [...] 6 local de venda de jornais e revistas”. Dicionarizado com sentido diferente.

Da hora – Legal, admirável. Não dicionarizado.

Fita – qualquer situação ou ocorrência, observada ou vivenciada. Segundo Houaiss (2011, p. 441), “s. f. ação que visa enganar ou impressionar; fingimento”. Dicionarizado com sentido diferente.

Fitinha – ver fita. Forma reduzida de fita. Não dicionarizado.

Fuja louco – Expressão que tem o sentido de discordar. Não dicionarizado.

Já era – acabado, terminado. Não dicionarizado.

Jamais – Nunca. Segundo Houaiss (2011, p. 560), “adv. 1 nunca 2 de modo algum”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Licença com a palavra – expressão utilizada antes de algum adolescente tomar a palavra durante as refeições”. Não dicionarizado.

Magro – escasso. De acordo com Houaiss (2011, p. 603), “adj. 2 *fig.* Escasso, insignificante”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Mudar de xis - mudar de alojamento. Não dicionarizado.

Pegar beco – ver mudar de xis. Não dicionarizado.

Por que você caiu? – Por que você foi preso? Em Houaiss (2011, p. 151), “*cair v.int.* 1 ir de cima para baixo”. Não dicionarizado.

Qual seu B.O.? – ver por que você caiu? Não dicionarizado.

Quem você flagra na tua quebrada? – Quem você conhece na região em que mora? Não dicionarizado.

Sai fora! – Vá embora! Apesar de Houaiss apresentar separadamente os termos “sair” (2011, p. 838) e “fora” (2011, p. 447), a expressão completa não consta na obra. Não dicionarizado.

Sua cara – obrigação, dever. Essa expressão é muito utilizada pelos adolescentes internados, na intenção de obrigar alguém a fazer alguma coisa.

Não dicionarizado.

Tá difícil – ver magro. Não dicionarizado.

Tá suave - Estar bem. Não dicionarizado.

Tá tirando – Estar ofendendo, insultando alguém. Não dicionarizado.

Tem condições de fortalecer – pedido de ajuda. Não dicionarizado.

Locais do ambiente institucional: 15

Barraco – quarto, alojamento feito de alvenaria. De acordo com Houaiss (2011, p. 113), “s. m. 1 B moradia pobre de acabamento tosco”. Dicionarizado com sentido diferente.

Bocuda – porta de ferro com pequena abertura na parte superior. Não dicionarizado.

Boi – banheiro. Conforme Houaiss (2011, p. 130), “s. m. 1 mamífero ruminante, geralmente domesticado, usado para tração e extração de carne, couro etc”. Dicionarizado com sentido diferente.

Contenção – alojamento destinado ao cumprimento de medida disciplinar. Em Houaiss (2011, p. 228), “s. f. B ato de conter(-se) ou o seu efeito”. Dicionarizado com sentido diferente.

Xis de castigo – ver contenção. Não dicionarizado.

Ducha – banho. Segundo Houaiss (2011, p. 319), “s. f. 1 jato de água lançado sobre o corpo com fim higiênico e/ou terapêutico”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Externa – qualquer atividade fora do perímetro da unidade socioeducativa. Segundo Houaiss (2011, p. 418), “s. f. TV gravação, filmagem ou emissão feita fora de estúdio”. Dicionarizado com sentido diferente.

Jega – cama de alvenaria. Não dicionarizado.

Latrô – colchão. Não dicionarizado.

Na rocha – estar submetido à medida socioeducativa de privação de liberdade. Não dicionarizado.

Na tranca – ver ‘na rocha’. Não dicionarizado.

Tatu – buraco escavado para realização de fugas das unidades socioeducativas. Segundo Houaiss (2011, p. 898), “s. m. mamífero desdentado, terrestre, cujo corpo é coberto por placas que formam uma carapaça”. Dicionarizado com sentido diferente.

Ventana – janela de vidro e grades de ferro. Segundo Houaiss (2011, p. 952), “s. f. janela (abertura)”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Xis – ver barraco. Redução de xadrez. Segundo Houaiss (2011, p. 974), “s. m. 2n. nome da letra x”. Dicionarizado com sentido diferente.

Zoiúda – ver tela. Não dicionarizado.

Alimentação: 13

Blindada – marmitta com alimentação oferecida pela instituição aos internos, marmitex. Apesar de Houais (2011, p. 128) apresentar o termo “blindar” como “v.t.d. 1 revestir com peça(s) ou camada(s) de metal, aço”, o termo sob análise não conta na obra. Não dicionarizado.

Explosiva – linguiça fornecida nas refeições. Embora Houaiss (2011, p. 416) apresente o termo “explosivo” como “s. m. 1 (substância) capaz de explodir ou de produzir explosão” a acepção contida no dicionário não coincide com a utilizada pelos entrevistados. Não dicionarizado.

Galeto – frango assado. Segundo Houaiss (2011, p. 465), “s. m. B 1 frango novo,

assado no espeto”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Graxa – doce de leite. De acordo com Houaiss (2011, p. 484), “s. f. 1 pasta usada para lustrar couro 2 substância de origem vegetal ou animal usada na indústria alimentícia, farmacêutica, de velas, sabões e lubrificantes”. Dicionarizado com sentido diferente.

Marrocos – pão. Não dicionarizado.

Meia-lua – banana. Apesar de Houaiss apresentar os dois termos “meia” (2011, p. 624) e “lua” (2011, p. 596) com outras acepções, a expressão completa não consta na obra. Não dicionarizado.

Meiota – sobra de comida no marmiteix. Não dicionarizado.

Mínima – ver meiota. Segundo Houaiss (2011, p. 637), “s. f. 1 figura de ritmo que equivale à metade da semibreve”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pá – colher de plástico utilizada pelos adolescentes na alimentação. Segundo Houaiss (2011, p. 691), “s. f. 1 utensílio que consiste numa lâmina larga na extremidade de um cabo comprido, usado para cavar o solo, recolher lixo etc”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pazinha – Ver pá. Forma reduzida de pá. Não dicionarizado.

Porva – suco em pó industrializado. Não dicionarizado.

Sadia – ver explosiva. Houaiss (2011, p. 837) somente apresenta o termo “sadio” como “*adj.* 1 que tem boa saúde; saudável”. Não dicionarizado.

Sobre – sobremesa. Forma reduzida de sobremesa. Apesar de Houaiss (2011, p. 868) apresentar o verbete “sobremesa”, sua forma reduzida não se encontra na obra. Não dicionarizado.

Partes do corpo: 8

Badalo – pênis. De acordo com Houaiss (2011, p. 106), “s. m. peça pendente no interior de sinos, sinetas etc.”. Dicionarizado com sentido diferente.

Boga – ânus. Não dicionarizado.

Cofre – bunda. De acordo com Houaiss (2011, p. 204), “s. m. caixa ou móvel resistente onde se guardam dinheiro, documentos, joias etc.” Dicionarizado com sentido diferente.

Camito – perna. Não dicionarizado.

Janja – ver cofre. Não dicionarizado.

Juba – cabelo. Conforme Houaiss (2011, p. 564), “s. f. 1 crina de leão”. Dicionarizado com sentido diferente.

Mãfins – ver boga. Não dicionarizado.

Pinha – cabeça. Segundo Houaiss (2011, p. 726), “s. f. 1 fruto do pinheiro, geralmente em forma de cone 2 fruta do conde; ata”. Dicionarizado com sentido diferente.

Drogas: 11

Baseado – cigarro artesanal feito com maconha. De acordo com Houaiss (2011, p. 114), “s. m. *B infrm.* cigarro de maconha”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Beque – ver baseado. Segundo Houaiss (2011, p. 120), “s. m. FUTB zagueiro”. Dicionarizado com sentido diferente.

Botinho – cigarro industrializado. Não dicionarizado.

Careto – ver botinho. Não dicionarizado.

Fininho – ver botinho. Forma reduzida de ‘fino’. Não dicionarizado.

Fino – ver botinho. Segundo Houaiss (2011, p. 440), “*adj.* 1 de pequeno diâmetro, largura ou espessura 2 afiado, agudo”. Dicionarizado com sentido

diferente.

Farinha – cocaína. Segundo Houaiss (2011, p. 426), “s. f. pó obtido pela moagem de certos cereais, sementes e raízes”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pó – ver farinha. Segundo Houaiss (2011, p. 734), “4 B *infrm.* cocaína”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Gole – qualquer bebida com teor alcoólico. Para Houaiss (2011, p. 478), “s. m. cada porção de líquido engolida de uma vez”. Dicionarizado com sentido diferente.

Caiçara – cigarro artesanal feito de fumo de corda enrolado em papel. Em Houaiss (2011, p. 150), “s. f. 1 cerca feita de varas”. Dicionarizado com sentido diferente.

Paieiro – ver caiçara. Não dicionarizado.

Dinheiro: 10

Cincão – nota de cinco reais. Não dicionarizado.

Cisco – ver cincão. Segundo Houaiss (2011 p. 197), “s. m. 1 graveto, folha ou qualquer pequeno detrito”. Dicionarizado com sentido diferente.

Deizão – nota de dez reais. Não dicionarizado.

Desco – ver deizão. Não dicionarizado.

Galo – nota de 50 reais. Em Houaiss (2011, p. 465), “s. m. 1 ave de bico pequeno, crista vermelha e carnuda, asas curtas e largas, e rabo com longas penas coloridas, geralmente erguidas em forma de arco”. Dicionarizado com sentido diferente.

Malote – Porção de dinheiro. Conforme Houaiss (2011, p. 607), “s. m. 1 pequena mala; maleta 2 serviço de entrega rápida de correspondência, documentos bancários, etc”. Dicionarizado com sentido diferente.

Moeda – ver malote. Segundo Houaiss (2011, p. 643), “s. f. 1 peça de metal cunhada por instituição governamental que representa o valor do objeto trocado por ela 2 meio pelo qual são feitas as transações comerciais; dinheiro”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Garoupa – nota de 100 reais. Segundo Houaiss (2011, p. 468), “s. f. peixe marinho, de hábitos costeiros, encontrado sobre fundos rochosos ou de areia, apreciado como alimento”. Dicionarizado com sentido diferente.

Onça – ver galo. Segundo Houaiss (2011, p. 681), “s. f. medida de peso inglesa” e “s. f. 1 nome genérico do a alguns felinos brasileiros de grande porte, especialmente a onça-pintada”. Dicionarizado com sentido diferente.

Peixe – ver garoupa. Conforme Houaiss (2011, p. 711), “s. m. 1 animal vertebrado aquático, dotado de nadadeiras e brânquias”. Dicionarizado com sentido diferente.

Fonte: O autor